

A PERTINÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO AO SENTIMENTO DE PERTENÇA OBTIDO A PARTIR DA PRÁTICA DE RITOS DE INICIAÇÃO, CERIMÓNIAS RELIGIOSAS E TRADICIONAIS DA COMUNIDADE MACUA EM MOÇAMBIQUE

Albino Carlos Ninca¹

Resumo: A presente artigo constitui uma contribuição de análise sobre construção do sujeito ao sentimento de pertença obtido a partir da prática de ritos de iniciação masculina, feminina e cerimônias religiosas e tradicionais da comunidade Macua em Moçambique. Estes ritos de iniciação representam os grandes feitos sócio-culturais e políticos dessa comunidade Macua ao longo da sua História. Para a teoria social pós-moderna, os estudos socioculturais e o multiculturalismo, o fenômeno da identidade se estabelece no constante processo histórico das relações e interações sociais, além da sua pertinência na atual conjuntura onde se acirram a cultura da prática de ritos de iniciação feminina e masculina da população da comunidade Macua, por sua vez, são crentes da religião muçulmana. Nessa perspectiva, o presente artigo analisa a questão da identidade sociocultural da comunidade Macua, residente na zona centro e norte de Moçambique, em particular no Posto Administrativo de Bajóne, Distrito de Mocubela-Província da Zambézia, enquanto uma demanda social e cultural dentro do contexto maior das suas relações na prática de ritos de iniciação, dessa comunidade negra da origem Bantu, nos bens socialmente produzidos e na ativa construção da nossa história, bem como a sua efetiva influência nos nossos modos de ser, ver e pensar o mundo. Percebe-se que é uma das maneiras encontradas para manter sua identidade é vivenciar seus costumes. Para a elaboração do trabalho, baseou-se na utilização de vários métodos tais como: fontes primárias: observação direta, entrevista e histórico, fontes secundárias: na revisão bibliográfica, no que diz respeito as leituras das obras científicas, artigos e entrevista a própria população em estudo de ambos sexos, que versarão sobre o tema em estudo bem como a adoção de uma metodologia adequada a análise do tema em estudo, sobre a população moçambicana da comunidade Macua.

Palavras-chave: Sujeito de Pertencimento, ritos de iniciação, masculina e feminina, Comunidade Macua, Moçambique.

THE PERTINENCE OF THE CONSTRUCTION OF THE SUBJECT TO THE SENSE OF BELONGING OBTAINED FROM THE PRACTICE OF INITIATION RITES, RELIGIOUS AND TRADITIONAL CEREMONIES OF THE MACUA COMMUNITY IN MOZAMBIQUE

Abstract: The present article constitutes a contribution of analysis on the construction of the subject to the feeling of belonging obtained from the practice of male and female initiation rites and religious and traditional ceremonies of the Macua community in Mozambique. These initiation rites represent the great socio-cultural and political achievements of this Macua community throughout its history. For postmodern social theory, socio-cultural studies and multiculturalism, the phenomenon of identity is established in the constant historical process of social relations and interactions, in addition to its pertinence in the current situation where the culture of the practice of rites of female and male initiation of the population of the Macua community, in turn, are believers of the Muslim religion. From this perspective, the present article analyzes the question of the socio-cultural identity of the Macua community, residing in the central and northern zone of Mozambique, in particular in the Posto Administrativo de Bajóne, District of Mocubela-Province of Zambézia, as a social and

¹ Mestre em educação/ ensino de História pela Universidade Pedagógica de Moçambique. Docente da Universidade Púnguè.

cultural demand within the larger context of their relationships in the practice of initiation rites, of this black community of Bantu origin, in socially produced goods and in the active construction of our history, as well as its effective influence on our ways of being, seeing and thinking about the world. It is perceived that one of the ways found to maintain their identity is to experience their customs. For the elaboration of the work, it was based on the use of several methods such as: primary sources: direct observation, interview and history, secondary sources: in the bibliographic review, with regard to the readings of scientific works, articles and interviews with the population itself in a study of both sexes, which will deal with the subject under study as well as the adoption of an adequate methodology for the analysis of the subject under study, on the Mozambican population of the Macua community.

Keywords: Subject of Belonging, initiation rites, male and female, Macua Community, Mozambique

1.Introdução

As identidades socioculturais do povo da Bantu, apesar de serem distintas e de estarem interpenetradas, em algum momento ou lugar, manifestam-se de acordo com as circunstâncias, enquanto as características dos sujeitos culturais nos seus aspectos: étnico, social, individual, político, cultural, enfim, nas mais diversas e inúmeras facetas que elas representam, mas que constituem o indivíduo de uma forma geral.

Os ritos de iniciação, masculina e feminina, da comunidade Macua, residente na zona centro e norte de Moçambique, nos revelam que, por conta das suas mais variadas manifestações, hoje, mais do que nunca, torna-se objeto de perscrutação dos cientistas sociais e culturais no intuito de entender como ela é construída e se manifesta pelos atores sociais envolvidos e como se apresenta em seus contextos sócio-histórico-culturais.

O indivíduo, enquanto construção social, resultado dos valores e das relações intrínsecas da sociedade à qual pertence, é construído como sujeito que interage na dinâmica das relações de produção, formas de agir, ser, viver e pensar o mundo, construir, morar, brincar, produzir símbolos, lutar, resistir, enfim, um sujeito histórico. Neste caso, a “identidade sociocultural é história” (CIAMPA, 2001, p.157), portanto, para ele, “não há personagem fora da história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens.”

1.1-Objetivo

Partindo do princípio de que a “identidade é história”, o estudo foi feito, através das observações diretas e dos relatos orais dos sujeitos sociais da pesquisa, jovens, adultos e velhos de ambos os sexos, da comunidade Macua, localizada na zona centro e norte de Moçambique, em particular no Posto Administrativo de Bajóne, Distrito de Mocubela-Província da Zambézia, como, em seu contexto histórico, social e cultural, sobre as suas práticas de ritos de iniciação.

1.2-Metodologia

Os líderes religiosos, líderes comunitários, mestres das cerimónias dos ritos de iniciação, médicos tradicionais (Curandeiros/as) anciãs, anciãos, régulos e entrevistas, aos adultos, jovens e adolescentes sobre o impacto dos ritos de iniciação na comunidade Macua. Também fontes secundárias, na revisão bibliográfica, no que diz respeito as leituras das obras científicas, artigos e optou-se por se desenvolver uma abordagem na perspectiva da pesquisa quantitativa, através de entrevistas feitas aos jovens, adultos e velhos de ambos os sexos, numa representatividade numérica num total de 50 pessoas, para o aprofundamento da compreensão sobre o impacto da prática dos ritos de iniciação masculina e feminina do grupo social, da comunidade Macua.

“Os pesquisadores que adoptam a abordagem quantitativa não se opõe ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.” (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Essa opção se deve à própria natureza desse objeto de estudo, uma construção humana, resultado dos constantes processos de interação do sujeito com o seu mundo objetivo e subjetivo, que se desenvolve a partir das relações sociais com o seu próprio grupo de origem, como também nas constantes interações com os demais, e que ao longo da sua existência se estabelecem num constante devir.

Nesse contexto, optou-se pelo estudo de caso, pois, conforme Ludke e André “quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso” (1986, p.17), dessa maneira, uma outra perspectiva para apropriação dessa estratégia de pesquisa, é quando ela tem sua origem na necessidade “de entender um fenômeno social complexo” (YIN, 2003, p.1).

Este estudo está inserido no campo dos estudos socioculturais por trazerem no bojo das suas reflexões, o seu impacto, questões que dizem respeito sobre às manifestações sobre as suas identidades culturais e sociais da população macua, nas suas práticas de ritos de iniciação em ambos sexos. Além dos estudos culturais buscamos elementos do referencial teórico das representações culturais e sociais, por se tratar de uma teoria que traz na sua perspectiva a proposta de identificar as formas pelas quais os sujeitos históricos constroem e ressignificam suas ações, atitudes, conceitos, formas de ser e fazer próprios da atividade humana no contexto histórico do qual fazem parte, inferindo valores, reflexões e abstrações num processo cognitivo de elaboração do conhecimento.

Pela característica própria do objeto deste estudo, sobre a identidade da comunidade Macua, usou-se fontes primárias, por meio de conversas e entrevistas com os líderes religiosos, líderes comunitários, mestres das cerimônias dos ritos de iniciação, médicos tradicionais (Curandeiros/as) anciãs, anciãos, régulos e entrevistas, aos adultos, jovens e adolescentes sobre o impacto dos ritos de iniciação na comunidade Macua. Também fontes secundárias, na revisão bibliográfica, no que diz respeito as leituras das obras científicas, artigos e optou-se por se desenvolver uma abordagem na perspectiva da pesquisa quantitativa, através de entrevistas feitas aos jovens, adultos e velhos de ambos sexos, numa representatividade numérica num total de 50 pessoas, para o aprofundamento da compreensão sobre o impacto da prática dos ritos de iniciação masculina e feminina do grupo social, da comunidade Macua.

“Os pesquisadores que adotam a abordagem quantitativa não se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.” (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Essa opção se deve à própria natureza desse objeto de estudo, uma construção humana, resultado dos constantes processos de interação do sujeito com o seu mundo objetivo e subjetivo, que se desenvolve a partir das relações sociais com o seu próprio grupo de origem, como também nas constantes interações com os demais, e que ao longo da sua existência se estabelecem num constante devir.

Nesse contexto, optou-se pelo estudo de caso, pois, conforme Ludke e André (1986, p.17), “quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo, devemos escolher o estudo de caso”. Dessa maneira, uma outra perspectiva para a apropriação dessa estratégia de pesquisa, é quando ela tem sua origem na necessidade “de entender um fenômeno social complexo” (YIN, 2003, p.1).

Este estudo está inserido no campo dos estudos sócio - culturais por trazerem no bojo das suas reflexões, o seu impacto, questões que dizem respeito sobre às manifestações sobre as suas identidades culturais e sociais da população macua, nas suas práticas de ritos de iniciação em ambos sexos. Além dos estudos culturais buscamos elementos do referencial teórico das representações culturais e sociais, por se tratar de uma teoria que traz na sua perspectiva a proposta de identificar as formas pelas quais os sujeitos históricos constroem e ressignificam suas ações, atitudes, conceitos, formas de ser e fazer próprios da atividade humana no contexto histórico do qual fazem parte, inferindo valores, reflexões e abstrações num processo cognitivo de elaboração do conhecimento.

1.3-Contextualização

O povo Makuwa é uma das comunidades sociais e linguísticas que os etnólogos chamam do povo “BANTU” que segundo os historiadores, essa tribo, saíram da região dos Grandes Lagos da África Central, ou seja, na região do Congo, Ex – Zaire, na floresta equatorial. O termo BANTU, vem ainda pelo fato de que a maioria desse povo em suas mais de quinhentas línguas se encontra pelo menos uma palavra com a radical “ntu, obuntu, muttu”.

Atualmente, Moçambique ocupa uma área de 799.380 quilômetros quadrados que se repartem em 11 províncias e a capital chama-se Maputo. Limita-se ao norte com Tanzânia, ao sul África do Sul e Suazilândia; ao este com o oceano Índico e ao oeste com Zimbábue, Malawi e Zâmbia. Todo o território está dentro do hemisfério sul, atravessado em sua parte o meridional pelo Trópico de Capricórnio, no continente africano.

Antes da islamização ou desde a expansão e a fixação do povo “BANTU”, a partir do século III à IV da nossa era, nesta região, os ritos de iniciação dos rapazes eram designados por LUPANDA, estes ritos consistiam apenas em vacinar e dobrar o prepúcio e tinha uma duração de 4 à 6 meses. O objetivo principal de LUPANDA, era apenas de dar vários ensinamentos da vida das suas comunidades Macua da origem BANTU “Portanto, os iniciando desenvolviam todos os tipos de atividades sócio económicas, desde a agricultura, construção de casas, artesanato de vários utensílios, casa pesca, etc”. (ANTÓNIO e OMAR, 2002, p.32)

Em cada ensinamento recebido, os iniciandos eram submetidas as respectivas aulas práticas de cada atividade ministrada. Para isso, a área limite de recinto de ritos de iniciação variava de 6 à 10 hectares. Mesmo assim, para a caça, ou outras incursões, os iniciandos transpunham esses limites e como não deviam ser vistos, principalmente pelas mulheres, assim como os homens que ainda não tinham passado por este processo de ritos de iniciação, eles tocavam flautas, que constituíam sinais da sua presença naquele local. Neste contexto, as mulheres ou os homens que não tinham passado por estes ritos de iniciação, deviam imediatamente se afastar deste recinto.

E com a expansão, a fixação e a presença árabe a partir dos séculos VII à VIII da nossa era, nesta região, com o processo da islamização da população da comunidade Macua, os ritos de iniciação masculina e feminina passaram a ter papel cultural, social e religioso. Nos rapazes, os ritos de iniciação masculino passou-se a chamar OWULA, "ALUCU", segundo a língua macua. (ANTÓNIO e OMAR, 2002, p.32)

A população da comunidade Macua, localizada na região centro e norte de Moçambique, pratica ritos de iniciação de ambos sexos, no período de passagem de uma fase da vida para outra preparando desta forma o adolescente a encerrar os problemas que lhes esperam nesse outro estado de vida. As principais fases são aquelas em que se prepara o jovem ou a jovem para enfrentar a vida adulta. Na vida adulta, os jovens devem-se sentir realizados e capazes de enfrentar solucionar todos os problemas no seu ambiente quotidiano.

De todos os ritos praticados pela comunidade Macua, aqueles que os considera serem mais importantes são os de circuncisão para os rapazes e os de iniciação feminina para as raparigas. Nas raparigas os ritos de iniciação feminina chamam-se OWULA, “EMWALI”, realizam-se logo após a primeira puberdade feminina, (1ª menstruação), o donzelamento da menina. (ANTÓNIO e OMAR, 2002, p.33)

As duas grandes cerimónias, são de grande importância para a organização da vida futura e inserção do jovem na vida comunitária e no seu lar. Nem todas as etnias, linhagens, tribos de Moçambique, praticam os ritos de iniciação da mesma forma, variando, portanto, de uma tribo de uma determinada região para outra. (CIPIRE, 1996, p.34).

2. Breve caracterização do grupo etnolinguístico Macua

Existem várias interpretações sobre a etimologia e significado da palavra MAKHUWA. Dentre as hipóteses existentes, ela significa “Selvagem, Bárbaro”, não civilizado. Elas não são pacíficas, sobretudo pela carga ideológica que transportam. A segunda significa “originário de Goa” (ma-koa). Para Rita Ferreira, o “ma” na palavra “Makhuwa” não é um prefixo, mas parte integrante do nome. O termo Makhuwa é também tido como um nome pejorativo, empregue pelos habitantes do litoral para designar os de interior.

“A origem dos Makhuwa é explicada, também a partir de outras duas grandes versões: a mitologia e a histórica. Do ponto de vista da tradição mitológica, os makhuwas tem origem do monte namúli, enquanto que do ponto de vista histórica, são oriundos na região da África central, em particular nos grandes lagos, em Congo, próximo da floresta equatorial, e são descendentes originários do povo Bantu a partir dos séculos VII à VIII da nossa era” (FERREIRA, 1982, p.37)

O sistema de parentesco Makhuwa é matrilinear, definido por via uterina, compreendendo todos os indivíduos de ambos os sexos, adultos ou crianças, que descendem, por aquela via de um mesmo antepassado (este feminino) de que tem memória, pois a sua existência remonta aos tempos de origem. (TAMELE e VILANCULOS, 2002, p.9)

O Islão foi utilizado como um instrumento de ascensão e promoção individual e não tanto pela religiosidade da sua mensagem, pois fornecia aos chefes uma articulação com outras redes muçulmanas que reforçavam a sua posição (MEDEIROS, 2011, pp. 212-213).

A tradição de chefatura no norte de Moçambique baseia-se numa política de gestão da matrilinearidade do território, do parentesco e do mito fundador dos clãs dirigentes que se estabeleceram em primeiro lugar nos territórios e por isso gozam de direitos especiais sobre os que mais tarde se fixam nesses territórios (BONATE, 2007).

Neste contexto, o presente artigo analisa a questão da identidade sociocultural e política da comunidade Macua, residente na zona centro e norte de Moçambique, em particular no

Posto Administrativo de Bajóné, Distrito de Mocubela-Província da Zambézia, sobre a prática dos ritos de iniciação masculina e feminina e o seu impacto.

3. Ritos de iniciação masculina "OWULA, ALUCU"

Antigamente tinha uma duração cerca de 4 à 6 meses e atualmente são (30) trinta dias, esses ritos de iniciação são realizados na época seca, altura em que as temperaturas são baixas para facilitar a cura das feridas contraídas no acto da operação, e por outro lado, é porque muitas famílias já estão preparadas para suportá-los economicamente.

Depois de todos os preparativos necessários, principalmente financeiros e económicos (coleccionamento de alimentos, vestuários, dinheiro e outros bens), os líderes competentes passam a fase de recrutamento dos iniciados. E três ou quatro dias antes dos selecionados irem ao rito de iniciação, as crianças selecionadas para o efeito, em conjunto com os seus parentes, realizam uma cerimónia designada por SADAKA, com a finalidade de se despedirem dos seus familiares e dos espíritos dos seus antepassados. Nessa cerimónia, a criança é posta farinha na testa, como sinal de benção. Esta cerimónia é também acompanhada de danças como NIKWEDJE ou WURRUGO, e cânticos em forma de festa entre os Macuas. Durante estas manifestações, os grupos dos organizadores dos ritos de iniciação, percorre de cada casa em casa dos pais e familiares dos iniciandos, a fazer coleta de produtos alimentares. (ANTÓNIO e OMAR, 2002, p.36)

É a grande cerimónia de passagem para a vida adulta. É escolhida a data, e evento é anunciado pelo "RUFAR DOS TAMBORES", e por grupo que percorrem os aglomerados mais próximos "OTOMOLA ECOMA". As festas iniciam-se alguns dias antes dos jovens partirem para a floresta. Em volta de uma grande fogueira a população canta e dança e o ajudante do chefe tradicional "NAMUKU", considerado com o poder mágico e que deve além disso, ser dançarino exímio, mostra as suas habilidades, tal como atravessar o fogo sem se queimar.

Nas vésperas da partida tem lugar uma despedida da criança que parte para alvorada de uma nova vida. O jovem rapa obrigatoriamente o cabelo e queima as roupas, símbolo de infância que deixa. O corpo é esfregado com "UNTURAS" plantas medicinais que os protege contra os maus espíritos. Ao partir para a mata (floresta), o jovem adolescente ignora tudo, o que vai-lhe acontecer, se bem que desde há muito tempo lhe falem da "festa do mel" que ele próprio irá colher o néctar. (CIPIRE, 1996, p.36).

No dia marcado, a criança ou o jovem adolescente é acompanhado pelo seu tutor ou padrinho, parte para mata, segurando uma perna de galinha com Shima de milho, mapira ou mexoeira que lhe foi dada pela mãe. A marcha silenciosa é aqui e ali interrompida por grupos de assaltantes mascarados que lhe lançam gritos tenebrosos para assustar os garotos. Perto do local ajustado pelo chefe tradicional (floresta cerrada ou bosque), o tutor tapa-lhes os olhos e os tambores e apitos rufam para que ele não ouça os gritos dos outros, circuncidados. O tutor obriga-lhe a sentar a colo e prende-lhe suas pernas às suas. Por vezes metem-lhe um pauzinho entre os dentes para melhor suportar as dores.

Nisto o NAMUKU (Chefe tradicional), aproxima-lhe do garoto à relâmpago corta o prepúcio do circuncidado duma só vez, mesmo que o não atinge não repete. A navalha tradicional utilizada nesta operação é antes de mais levada ao fogo para evitar infecção. Depois desta operação o namuko, deita-lhe um remédio tradicional para cicatrizar a ferida. Durante este

período até a cicatrização, o iniciado é proibido de comer alimentos com sal que segundo a tradição, infectaria a ferida. Neste período não pode tomar banho e nem tocar na água. Não raro morrem da infecção, mas ninguém comunica a família, até que acabando o período de incubação todo o grupo regressa a aldeia.

Quando regressarem serão cidadão de corpo inteiro e neste caso podem tomar parte nas conversas dos adultos, ver cadáveres, assistir cerimónias fúnebres, dirigir as cerimónias familiares, tradicionais, religiosas, dirigir as missas na mesquita com alcorão, ensinar o alcorão na madrassa, ler o alcorão, casar, organizar uma família, etc. (Segundo senhor Gafar Hibraimo, Tribo Maweha, Comunidade Macua).

A mãe saberia da notícia no dia de “OKUMA ALUKU”, - ressurgimento de jovens, constatar pessoalmente que o filho ido está entre os que regressam. O prepúcio cortado é obrigatoriamente enterrado e só eventualmente queimado. (CIPIRE, 1996, p.37).

4. Ritos de iniciação feminina “OWULA, EMWALI”

As raparigas menstruadas pela primeira vez, são conduzidas a uma palhota, no meio do mato, longe da povoação, e ali entre cantigas, e preleções sob a direção de mestras idóneas, aprendem tudo o que uma mulher deve saber nas suas relações com o outro sexo. Durante o período de iniciação, que dura cerca de (8) oito dias, as raparigas não podem ter o menor contacto com estranhos, mesmo do seu sexo, excluindo o contacto obrigatório e indispensável com as mestras idóneas. O ruído dos batuques, próprios das cerimónias, impedem que o viajante despromovido se aproxime do recinto. Findo estes ritos, a palhota que as albergou é queimada indo todas as iniciadas banhar ao rio mais próximo. Vestindo-se depois, os seus panos mais vastos e adornando-se com missangas de cores vivas. Uma vez ali sentadas as raparigas iniciadas, cercadas pelas mulheres mais ou menos ébrias, um monótono canto, acompanhado em coros pelas outras mulheres, abordando no canto assuntos eróticos e a medida que se vai entusiasmado no canto, vai-se despojando dos panos até ficar nua, tapando teoricamente o sexo com uma tira de pano cerca de (2) dois centímetros de largura, suspensa atrás e a frente de um cinto de missangas. (CIPIRE, 1996, p.40).

No canto ensinam o seguinte às moças naquele estado embriagada:

- A mulher deve sempre limpar sêmen derramado pelo marido com as mãos, depois das relações sexuais, nunca devendo para tal utilizar qualquer pano;
- Mostrar sempre o seu reconhecimento ao marido quando este lhe oferecer qualquer presente (panos, missangas etc.), despindo-se e facultando o coito;
- Nunca esconder ao marido o estado de menstruação;
- Nunca cozinhar para o marido nem tocar em sal quando estiver menstruada, só o podendo fazer depois da finda menstruação e depois de ter tido relações sexuais com o marido uma ou duas vezes. (Segundo senhora Mariamo Chabane, tribo Boliya, Comunidade Macua, 2022).

5. Processos de ritos de iniciação feminina e tarefas de uma esposa

Quando a rapariga sai fora pela primeira vez, para tomar banho, faz-se batuque em sinal de regozijo, mostrando que ela está pronta para procriar, podendo casar desde logo. É

principalmente nesta ocasião que se realiza OLAKA, EMWALI, - cerimónia de iniciação feminina em que entram só mulheres.

No inverno a dança realiza-se dentro de uma palhota e no verão dentro de um pequeno cercado. Nenhum homem se aproxima, pois que, mal houve o ruído do pequeno tambor usados nesta dança, afasta-se a correr com receio de ficar doido. As mulheres formam círculo, enquanto uma delas NAMUKU, mestra dança ao centro.

A mulher assim preparada para ser mãe e esposa é imbuída várias regras que poderão seguir no seu futuro lar, como forma de proteger filhos que vão nascer. Assim depois do casamento, ela abstém-se de comer várias coisas, porque acarretam várias doenças que deve nascer, como ovos, peixe e animais. (CIPIRE, 1996, p.43).

Imagem Nº1-Sede do Posto Administrativo de Bajone.



Imagem Nº2- As adolescentes e as mestres de ritos.



Fonte: Fotografado pelo autor, 2023

Durante o período da primeira gravidez, a mulher não deve praticar relações sexuais com vários homens, pois se assim fizer terá um parto difícil. Quando estiver menstruada, não pode dormir na cama do marido, mas sim na esteira e não pode tomar banho e nem por sal nas comidas. Depois do parto, a mulher deve permanecer pelo menos (6) seis meses sem manter relações sexuais com um homem, permitindo a reposição do seu tecido físico. Quando se realiza o casamento tradicional, a cerimónia é dirigida pelo MALIMO (líder religioso) da religião muçulmana, no período de OKUMA EMWALI, ou seja, prova de potência sexual do rapaz perante a sua noiva, cuja é presenciada no primeiro acto sexual pelas anciãs, (madrinha e padrinho), que servem de testemunhas sobre a virilidade do rapaz.

Ensina a jovem a obedecer ao marido, a nunca lhe responder de má vontade, a ter sempre água quente preparada para as abulações quando ele regressa a casa e agradecer-se sexualmente ao marido. “Fica feio uma mulher, ficar assim parada na cama como se fosse um morto”, diz ANCIÂ. A jovem aprende a deitar-se ao lado de homem, sempre que deseje. Aprenda a administrar os bens comuns, a pilar o grão e peneirar, a cozinhar, a cultivar os campos e a tratar dos filhos. (CIPIRE, 1996, p.44).

E lhe é ensinada o uso de infusões de raízes para evitar gravidez ou para abortar, regras de higiene a maneira como uma verdadeira mulher deve tomar banho (os seios e os sexos devem ser lavados com a mão esquerda, porque a mão direita é reservada as tarefas nobres). É ensinada a conviver com as vizinhas, a lhes prestar toda a qualquer ajuda possível que necessitarem, a dar por emprestado instrumentos de trabalho do lar e vizinhança e a devolver logo que acabar de trabalhar aos que lhe deram emprestado. A não fazer discórdia com as amigas e nem mostrar mão agoiro.

6. Objetivo e função social-cultural dos ritos de iniciação à nível da comunidade Macua

Neste contexto, para a comunidade Macua, os ritos de iniciação passam a ser o conjunto de cerimónias tradicionais que são submetidas aos adolescentes de ambos sexos, com a finalidade de os integrar “o mundo dos adultos”, tomando nela parte do pleno direito em todas as atividades na sociedade, quer dizer, o jovem que participa nos ritos de iniciação adquire maturidade e toma consciência na própria identidade e do lugar que lhe compete na sociedade”. (LERMA, 1987, p. 110).

Portanto, os ritos de iniciação nestas comunidades em estudo, funcionam como a escola de vida individual e familiar sobre os usos e costumes praticados à nível das suas tradições. (ANTÓNIO e OMAR, 2002, p.46).

7. Principais conselhos transmitidos nos ritos de iniciação

Sentado na sua cadeira, em frente dos iniciandos, o NAMUKU (Chefe tradicional), começa a dizer o seguinte - prestem atenção e ouçam isto muito bem porque é muito importante para a vossa vida, de hoje em diante:

- São considerados grandes e responsáveis pelos seus atos;
- Quando por acaso, o MWENE (Régulo) vos chamar, tendes que ir ouvi-los e cumprir as suas ordens;
- Quando casarem, devem construir uma casa e abrir uma machamba para alimentar as vossas famílias;
- Devem tratar bem as vossas mulheres, comprar roupa e caril, (as mulheres devem tratar bem os vossos maridos: cozinhar, lavar bem a roupa dele, aquecer água para eles tomarem banho e ajudar-lhes no banho, velar pelos filhos, etc);
- Já podem ver os mortos, participar nos enterros e fazerem parte nas diferentes cerimónias;
- Sempre que estiverem e aproximar-se de um rio, devem dar em voz alta o sinal da vossa aproximação de um modo a evitar que alguém seja surpreendido nu ou nua;

- Quando estiverem a aproximar-se da casa de alguém, devem assinalar a vossa presença para não surpreender o casal na intimidade. (Segundo Senhora Muanacha Abdala, Tribo Mayea, Comunidade Macua, 2022.)

8. O Posicionamento dos Homens e Mulheres depois de fazer ritos de iniciação

Segundo os resultados dos (50) cinquenta entrevistados, de ambos os sexos da comunidade Macua, eles afirmam de seguinte:

1º- Sente-se feliz e educado; 2º- Sente-se saudável, limpo/ a e protegido/ a contra as doenças de transmissão sexual; 3º - Passa a ser respeitado/ a e crescido/ a na comunidade Macua; 4º - Pode aprender a ler o sagrado alcorão; 5º- Pode dirigir as missas, as cerimónias, as danças de ritos de iniciação, etc; 6º - Pode dar banho, vestir malgrado e participar nas cerimónias fúnebres; 7º - Pode casar ou ser casada ou praticar qualquer tarefa profissional útil na comunidade Macua; 8º - Pode resolver problemas da sua família até da comunidade.

Atualmente, a maioria dos jovens da comunidade Macua, julgam os ritos de iniciação como a solução da sua educação, preparação, formação, e enquadramento na sociedade para poder realizar qualquer tarefa ou atividade para o seu bem de cada dia.

Nesta comunidade Macua, todos adolescentes, jovens e adultos, quem não faz ritos de iniciação é considerado, uma pessoa incompleta, suja, desenquadrada, criança, imaturo, inexperiente, etc.

9. As Consequências de ritos de iniciação Masculino e feminino

- Aumenta o casamento prematuro nas comunidades Macua;
- Aumenta desistência escolar, principalmente para adolescentes do sexo feminino;
- Valoriza mais a educação religiosa “as madrassas para aprender a ler o Alcorão Sagrado”.

10. O papel da religião muçulmana na comunidade Macua

É neste contexto, se alguém quer aprender o alcorão tinha que fazer o rito de iniciação, se um indivíduo quer ser mualimo, enfrentar NAMAZ, “missa muçulmana” dar banho um morto, ver um morto, enterrar um morto, dirigir qualquer tipo de cerimónia em ambos os sexos, deve fazer rito de iniciação.

Considerações finais

Tal como os rapazes, uma rapariga só é reconhecida como ser humano completo, depois de ter passado pelos ritos de iniciação. Estes têm como objetivo a formação de mulher para enfrentar as múltiplas tarefas do lar, nos aspectos de esposa, mãe e produtora de bens materiais para o benefício do marido e dos filhos.

Referências

- ANTÓNIO, Alexandre; OMAR, Lúcia Laurentina. **Alguns usos e costumes matrimoniais dos grupos linguísticos Macua, Yã, Nyanja e Ngunis da Província de Niassa**. ARPAC-Instituto de investigação sócio-cultural, Maputo, 2002.
- BONATE, Liazzatt. **Traditions and Transitions, Islam and Chiefship in Northern Mozambique, ca.1850-1974**, Dissertação de Doutorado em Filosofia, University of Cape Town, 2007.
- _____. **“Islam and Chiefship in Northern Mozambique”**, ISIM Review, 19, 2007b.
- CIAMPA, Antônio da C. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- CIPIRE, Felizardo. **Educação Tradicional em Moçambique**, 2ª edição, publicações em edil, Maputo, 1996.
- COULON, Christian. **“As Áreas e fronteiras religiosas em África”**, JANUS, 2007.
- DIAS, Eduardo. **“Do Estado Colonial ao Estado pós-colonial”**, em Meio século de Independências, JANUS, Lisboa, UAL e Jornal Público, 2010.
- FERREIRA, Ana Rita. **Fixação Portuguesa e História Pré-Colonial de Moçambique**, Instituto de Investigação Científica Tropical / Junta do Instituto de Investigação científica do Ultramar, Lisboa, 1982.
- GOLDENBERG. **Métodos de Pesquisa**, 1ª ed. Brasil, 2009.
- HARRISON, Graham. **“Traditional Power and its Absence in Mecúfi, Mozambique”**, Journal of Contemporary African Studies, 20, 1. 2002.
- HERMET, Guy. **“Perspectives”**, em François Constantin et Christian Coulon (orgs.), Religion et transition démocratique en Afrique, **Karthala**, pp.363-370, 1997.
- LERMA, Martinez. **O povo Macua e sua cultura**. Pontífica Universidade Gregoriana, Roma, 1987.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MEDEIROS, Eduardo. **Os Senhores Da Floresta, Ritos de iniciação dos rapazes macuas e Iómuès**, Porto, Campo das Letras, Coleção Estudos Africanos, 2007.
- _____. **O Islão e a construção do “Espaço Cultural e Social Macua”**, Representações de África e dos Africanos na História e Cultura Séculos XV a XXI, José Damião Rodrigues e Casimiro Rodrigues (orgs.) Coleção Estudos e Documentos, 10, 2011, pp. 195-248.
- TAMELE, Viriato; VILANCULOS, João Armando. **Algumas danças tradicionais da zona norte de Moçambique**. ARPAC-Instituto de investigação sócio-cultural, Coleção Embondeiro, 21, Maputo, 2002.
- YIN, Rober K. **“Case study research: design and methods”**. Tradução e síntese de Ricardo Lopes Pinto e adaptação de Gilberto de Andrade Martins, 2003.